Logotipo

Descrição gerada automaticamente

**SÃO PAULO TECH SCHOOL**

**DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL**

**Aborto espontâneo – o sofrimento de mães de anjos**

Cynthia Fernandes Ferro Angi RA: 01242099

**Outubro/2024**

## Contexto

Muitas mulheres possuem o desejo de ser mães. Apesar de hoje priorizarem suas carreiras, empregos e independência, essas mulheres desejam pelo momento de poder passar adiante todo o amor que receberam de suas mães, como uma forma de retribuir ao mundo tudo que passaram. Algumas desenvolvem essa vontade com o passar dos anos, conforme vão amadurecendo, outras já nascem com ela, o que muitos chamam com “vocação para ser mãe”.

Com os avanços tecnológicos da medicina, tornar-se mãe não depende mais de ter um parceiro para ser o pai, as FIV (fertilização in Vitro) se tornaram uma alternativa para as mulheres que querem ser mães, mas, ainda assim, não pretendem ter um parceiro homem. Mesmo com essa facilidade, e com a medicina jogando a favor, essas mulheres também podem passar por uma interrupção da gestação após o positivo.

Mesmo em casos de gravidez não planejada, após o susto, a grande maioria recebe a vinda do novo integrante da família de forma muito feliz. Começam os planos: “Como organizar a casa?”; “Onde ficará o quarto do bebê?”; “Quero saber o sexo do bebê?”; “Para quem vou contar primeiro?”; e tantos outros. Normalmente, a gravidez é descoberta dentro das primeiras 10 semanas, tendo suas exceções de mulheres com ciclo irregular.

As 12 primeiras semanas são consideradas as semanas mais sensíveis da gestação e que a maior taxa de abortos espontâneos ocorre. As gestantes costumam esperar passar esse período para então contar para as pessoas sobre, já considerando que após a 12ª semana a gravidez “vingou”.

Apesar disso, o aborto espontâneo pode ocorrer até a 20ª semana da gestação, cerca de 5 meses. A taxa de aborto, atualmente, está entre 10 a 15%, sendo 80% desse valor dentro das primeiras 12 semanas. Mesmo sendo algo comum, não é normal, mas nem sempre tem uma causa concreta para ter ocorrido.

A dor de uma perda, mesmo daquele filho que tinha sido descoberto há pouco tempo e que nem foi visto, é tão real quanto a dor de uma perda de um ente querido. Uma mulher se torna mãe ao ver o positivo no teste de farmácia e tendo a confirmação no exame de sangue. Na mente dessas mães passa uma centena de pensamentos, dentre eles: “será que consigo ter filhos?”, “eu tenho algum problema de saúde, por isso não consegui segurar a gravidez”. Além disso, acontece uma cobrança muito grande interna e um sentimento de culpa. Essas mulheres não possuem muito apoio, visto que para outras pessoas elas nem são consideradas mães, passando como sendo até mesmo um exagero ou frescura da parte delas.

Essa invalidação da maternidade após um aborto é refletida dentro e fora do espaço familiar. A chance de um casal se divorciar é 22% maior que um casal que não passou pela situação. Estudos apontam que um terço das mulheres que abortaram relatam que seus parceiros se afastaram após um ano do ocorrido.

A taxa de repetição de aborto é bem baixa, sendo de 1% para dois abortos prévios e 0,3% para três. A grande maioria dos abortos são de causas desconhecidas e não impedem que uma segunda gestação evolua. Por conta dessa baixa taxa, tanto médicos, quanto convênios, apenas buscam causas consideradas comuns nesse primeiro aborto. Dessa forma, o desenvolvimento do embrião ou feto foi interrompido, quando não há uma causa clara, por ser fraco geneticamente, com más formações, como uma seleção natural do próprio organismo. Causas mais específicas, como trombose, genética incompatível dos pais, doenças autoimunes, só são investigadas, normalmente, caso ocorra uma segunda perda.

## Objetivo

Ter um espaço seguro para que todas as mulheres se sintam confortáveis e falar sobre suas experiências e possam se sentir acolhidas. Que seja de fácil acesso para que as mulheres não passem por situações como eu passei ao perder meu bebê. Ajudar as futuras mães a entenderem os sinais, se informarem e saber para onde ir caso necessário.

## Justificativa

Em julho de 2023 descobri uma gravidez, muito desejada por mim e meu marido. Após uma semana da descoberta e termos acabado de contar para nossos pais eu comecei a sangrar. Eu não soube para onde ir, e acabamos indo para um hospital comum, que nem tinha maternidade. Como não era um hospital especializado, e nem tinha médicos especialistas na equipe do pronto socorro, acabei me sentindo negligenciada, fiquei duas horas sem atendimento, sangrando muito e sempre que meu marido ia falar com os enfermeiros, diziam que iam ver o que fazer e não voltavam. Quando me chamaram para fazer o ultrassom, a médica que me atendeu não sabia ver o exame, chamou um segundo médico e eles ficaram discutindo na minha frente se existia saco gestacional, se poderia ser uma gravidez ectópica (fora do útero – nas trompas ou no colo) e eles terminaram o exame falando para mim “as vezes acontece de a gravidez não prosseguir”.

Depois disso, quando fomos passar no retorno com o resultado do exame, a médica disse “está tudo certo com a gravidez, seu exame deu tudo certinho, pode ficar tranquila”. Preferimos sair dali e ir para um hospital maternidade e vimos que o tratamento era totalmente diferente. Passei muitas horas lá, cerca de 5 ou 6 horas, mas tivemos um tratamento mais humano, naquela altura já não estava sagrando tanto, estava bem leve. A médica que me atendeu ali disse que o colo estava fechado, que era um bom sinal, que meu Beta HCG tinha evoluído do primeiro valor que levei e que naquele momento, como não dá para ter certeza de quanto tempo exatamente eu estava, poderia não ter o saco gestacional ainda. Me recomendou repouso de uma semana e esperar para ver como seria.

Nessa uma semana em repouso, tive mais um momento de sangramento mais intenso, que depois de algumas horas diminuiu bastante. Após esse momento, apesar de o saco gestacional ter desenvolvido, ter um embrião dentro, foi considerado que o saco tinha se desprendido do útero e que eu estava com um aborto retido. Dentro da maternidade, eles deram todo o apoio que precisei e fui muito bem tratada.

É necessário que o tabu da perda de um bebê seja reduzido, se as mães dos anjinhos falassem sobre suas experiências, muitas saberiam o que pode acontecer. Eu não sabia para onde ir e acabei ficando muito tempo sem atendimento. Não sei se essa demora toda por atendimento pode ter colaborado com a perda, mas com certeza não ajudou.

## Escopo

O site será desenvolvido para que mulheres que estão passando pelo processo de luto da perda de seus bebês se sintam acolhidas, tenham informações sobre casos e estudos com informativos apresentados em dashboard. Contará com um cadastro, onde as mulheres podem fazer observações, relatar suas experiências de forma que serão adicionadas a um grupo de apoio com outras mães.

O banco de dados com os cadastros e histórias será acessado para apresentar esses relatos dentro do site, em área exclusiva para quem está cadastrado.

## Premissas

- O uso da página, em área exclusiva, deverá ser feito usando o login próprio;

- Mulheres que passaram por aborto se cadastram para estar no grupo de apoio;

## Restrições

- Para que as mães se sintam mais confortáveis, o cadastro no site só será aceito para o gênero feminino;

<https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/aborto-espontaneo>

<https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/ginecologia-e-obstetr%C3%ADcia/dist%C3%BArbios-do-in%C3%ADcio-da-gesta%C3%A7%C3%A3o/aborto-espont%C3%A2neo>

<https://www.alert-online.com/br/news/health-portal/aborto-espontaneo-afasta-casal>

https://vidasaudavel.einstein.br/aborto-espontaneo-e-frequente-e-tem-causas-dificeis-de-identificar-entenda/

VOCE SABIA?

https://nutricionistacarolfaria.com.br/lista-de-maternidades-em-sao-paulo-sp-carol-nutri-infantil/